

# A turma de trás: preconceito e exclusão aos alunos do “fundão”

## *Students from the back of the class: prejudice and exclusion*

Renata de Almeida Vieira\*

Lizete Shizue Bomura Maciel\*\*

\* Mestre em Educação. Professora colaboradora da Faculdade Estadual de Educação, Ciências e Letras de Paranavaí-PR. Membro do Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação, Preconceito e Formação de Professores. Endereço: Rua Miguel Vieira Ferreira, n. 34, Zona Sete. Maringá-PR. CEP: 87020-360. E-mail: realvieira@gmail.com.

\*\* Professora doutora do curso de Pedagogia e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá-PR (Mestrado e Doutorado). Líder do Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação, Preconceito e Formação de Professores. E-mail: newliz@uol.com.br.

### **Resumo**

Neste artigo<sup>1</sup> apresenta-se o resultado de uma investigação acerca de uma das manifestações do fenômeno preconceito presentes no contexto escolar. Trata-se do preconceito produzido em relação aos alunos que se localizam no fundo da sala de aula e que são comumente denominados alunos do “fundão”. Por meio de estudo bibliográfico associado a um estudo de campo, constatou-se que o preconceito que margeia os alunos do “fundão” apresenta-se de modo vulgarizado no dia-a-dia da sala de aula. Desse modo, é convertido em algo banal, cristalizando-se e não sendo percebido tanto pelos alunos quanto pelos professores.

### **Palavras-chave**

Preconceito. Alunos do “Fundão”. Sala de aula.

### **Abstract**

In this article we present the results of an investigation on one of the manifestations of the prejudice phenomenon at schools. It is about prejudice regarding students who sit at the back of the classroom and are usually denominated as “students of the back”. Through a bibliographical study associated with field study, we noticed that prejudice concerning those students is vulgarized in the classroom daily basis. This way, it is converted into something banal, crystallizing and becoming imperceptible by students and also teachers.

### **Key words**

Prejudice. Students of the back. Classroom.sala de aula.

## Introdução

Na atualidade, o fenômeno preconceito tem adquirido uma variedade de formas e conotações na prática social. Essa diversidade tem-se apresentado de modo sutil ou agressivo, implícito ou explícito, visível ou invisível.

Presente nas relações cotidianas em geral, esse fenômeno adentra todas as esferas da realidade social. Uma dessas esferas, entre tantas outras, na qual o preconceito está presente é na instituição escolar. Embora a escola seja uma instituição social que tem por função possibilitar, por meio da educação formal, a promoção humana, ela expressa, contraditoriamente, mas não de modo mecânico ou passivo, as relações sociais existentes, inclusive as relações preconceituosas.

É dentro desse contexto que situamos nosso estudo e também expressamos nosso objetivo. Buscamos investigar se a forma de ocupação do espaço da sala de aula por alunos de um curso de formação de professores de nível médio interfere na relação pedagógica entre professores e alunos.

Qual era, exatamente, nossa preocupação? Nossa preocupação estava centrada nos alunos que, em seu processo formativo, ocupam o espaço localizado no fundo da sala de aula e que são, comumente, denominados alunos do “fundão”. Explicitamos que essa denominação é estigmatizante (“fundão”) e está, em geral, associada, na instituição escolar, aos alunos que apresentam comportamentos indesejáveis ou inadequados. A denominação expressa, portanto, uma clara conota-

ção pejorativa e manifesta, em nosso entendimento, um tipo de preconceito originário, possivelmente, de uma expectativa idealizada de conduta em sala de aula.

Nossa investigação foi desenvolvida em dois momentos que estão inter-relacionados: estudo bibliográfico e estudo de campo.

Para o primeiro momento, realizamos um estudo bibliográfico, o qual foi constituído de análise das produções de autores brasileiros (CROCHIK, 1995; BORNIOFFO 2002) e estrangeiros (SNYDERS, 1988; SCHIFF, 1993). Esses autores discutem, especificamente, nosso objeto de estudo “o preconceito. Suas análises apresentam e tratam do preconceito tanto de uma perspectiva genérica quanto se dedicam àqueles preconceitos manifestos no contexto da escola. Por outro lado, necessitamos, também, das produções voltadas à questão da educação escolar (SANFELICE, 1986; BRANDÃO, 1986) a fim de que pudéssemos realizar nossas reflexões acerca do objeto de estudo no contexto escolar.

Para o segundo momento, o estudo de campo, escolhemos a técnica da observação participante (também denominada de observação direta), cujos dados são obtidos “[...] por meio do contato direto do pesquisador com o fenômeno observado [...]” (CHIZZOTTI, 2000, p. 90). Em nosso caso, recolhemos dados, que denominamos de qualitativos, acerca da relação pedagógica entre professores e alunos de uma 2ª série de um curso de formação de professores, de nível médio. A instituição escolar é pública e está localizada no município de Maringá, região noroeste do estado do Paraná.

Os dados que conseguimos obter por meio da observação participante possibilitaram-nos uma intensa reflexão acerca dos alunos que se localizam no fundo da sala de aula. Os estudos bibliográficos que realizamos ofereceram-nos subsídios para a explicação e a compreensão do nosso objeto.

Inter-relacionando os dados de campo com os estudos bibliográficos, buscamos entender os nexos que compunham o preconceito em relação aos alunos do “fundão” e refletir sobre eles, sem perder de vista os imperativos da prática social na atualidade.

## **1 A turma observada e os alunos do “fundão”**

As questões que problematizamos neste trabalho tiveram origem no decurso da disciplina de Metodologia e Prática do Ensino Médio – modalidade Normal, do 4º ano do curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Maringá, em 2005, mais precisamente nas situações observadas durante o cumprimento do estágio supervisionado, como parte da formação inicial de professores para esse nível de ensino. Em continuidade, neste momento, encontramos-nos na condição de pós-graduanda e de orientadora do Programa de Pós-Graduação em Educação, no Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação, Preconceito e Formação de Professores, vinculado ao CNPq, quando retomamos o texto analítico produzido naquela oportunidade para a disciplina, visando aprofundar as reflexões daquele processo formativo.

Ao retomarmos nossas observações, situamos nosso leitor que a 2ª série estava

acomodada em uma sala de aula de porte médio, comportando confortavelmente em torno de 25 alunos, mas que abrigava 35 alunos. Em sua constituição material essa sala tinha um quadro de giz, um pequeno armário, ventiladores de teto e um mural vazio e em condições precárias.

Alguns alunos se faziam presentes em sala antes mesmo do horário de início das atividades escolares (7h30min), indicado pelo sinal audível em todos os espaços da instituição escolar.

Em sala de aula, observamos que os alunos conversavam, riam, mexiam em seus telefones celulares, desenhavam no quadro de giz, mas não disponibilizavam seus livros ou cadernos sobre a carteira antes da chegada dos professores. Mesmo com a entrada do professor em sala de aula, os alunos não se mobilizavam para o seu início, pois se mantinham indiferentes. Essa indiferença independia do horário da aula, cabendo, em todas as oportunidades, aos professores chamar-lhes a atenção para o início e o respectivo desenvolvimento das aulas.

Um outro aspecto que nos chamou a atenção foi a forma como os alunos se utilizavam de diferentes estratégias para diferentes professores. Dependendo do professor que adentrava a classe, cuja postura e forma de encaminhamento de aula os alunos já conheciam, eles se mobilizavam com mais ou menos rapidez para seus lugares, com mais ou menos cuidado.

Destacamos que a forma como os alunos retiravam o material da bolsa, os comentários que realizavam entre si em relação à aula em questão, o modo como dirigiam a atenção ao professor ou, então,

o ato de ignorar a sua presença, enfim, a postura dos alunos em cada disciplina, bem como a forma como o professor iniciava e encaminhava sua aula, foi colocando em evidência elementos que, se refletidos, possibilitariam a nossa compreensão das relações pedagógicas ali construídas.

Ao examinarmos um pouco mais essas relações, foi possível detectarmos uma variação de respostas dadas, pela turma, aos diferentes professores. Exemplificamos essas variações correntes nessa turma. Para um determinado professor, os alunos respondiam às situações de aula com atitudes de enfrentamentos indiretos como, por exemplo, conversas paralelas sobre assuntos outros que não aqueles tratados na ou pela disciplina, evasão da sala, longas conversas no celular, silêncio diante de alguma pergunta ou manifestação do professor. Já para outro professor, mudavam consideravelmente as atitudes, pois se integravam à aula, respondiam ao que lhes era solicitado, opinavam, perguntavam, participavam e, mesmo quando recebiam críticas ou eram corrigidos em alguma coisa, mantinham-se participativos e receptivos ao professor.

Percebemos que tais oscilações estavam diretamente vinculadas às posturas assumidas pelos professores no exercício de sua prática pedagógica. Esse pareceu-nos ser um dado importante que observamos.

As posturas pessoais e didático-pedagógicas dos professores foram também bastante diferenciadas. Verificamos professores que entravam em sala de aula de forma sisuda, fechada; não explicitavam aos alunos as alterações de suas aulas,

como interrupção de um determinado conteúdo ou de uma determinada atividade, mudança do conteúdo em estudo. Realizavam solicitações de trabalhos escolares sem muito sentido pedagógico, demonstrando falta de objetivos claros, não dirigiam sua atenção ao coletivo da sala de aula, mantendo a atenção apenas para um determinado grupo de alunos e alijando os demais alunos de sua atenção.

Perante essas posturas, os alunos correspondiam da seguinte forma: mostravam-se indiferentes, distantes do conteúdo, ainda que presentes fisicamente em sala de aula; estabeleciam conversas paralelas, ou faziam qualquer outra atividade não relacionada ao conteúdo da disciplina.

Havia, contudo, professores que estabeleciam uma outra postura, pautada no respeito mútuo, na qual o conhecimento e o comportamento do aluno, como futuro professor, eram questões de aula. A opção metodológica de ensino que orientava o encaminhamento da aula e o desenvolvimento do conteúdo, bem como os vínculos entre aquilo que estava sendo estudado e sua aplicação, deixavam evidente que o processo de formação desses alunos não era um processo qualquer, mas um processo de formação docente.

Os alunos, diante dessa postura, mostravam-se mais comprometidos com o professor e com as suas respectivas formações. As desmobilizações, indiferenças e distanciamentos apresentavam-se menores entre professores e alunos.

Uma outra situação que observamos relacionou-se ao modo desigual de trata-

mento oferecido aos alunos. Constatamos, em muitas ocasiões, professores que demonstravam certa indisposição em relação aos alunos que estavam sentados no fundo da sala. As aulas, invariavelmente, eram direcionadas aos alunos localizados nas primeiras carteiras, próximos do espaço ocupado pelos professores.

As conversas em sala de aula eram muito comuns e ocorriam com diferentes alunos, independentemente de sua localização. No entanto, quando a conversa em sala se avolumava muito, era comum o professor chamar a atenção dos alunos localizados no fundo. Percebíamos, inclusive, que os próprios colegas de turma demonstravam concordância diante das acusações e depreciações feitas por alguns professores em relação aos alunos do fundo da sala, estigmatizados como “fundão”. Esclarecemos que tal grupo era composto por jovens de ambos os sexos, de mesma faixa etária.

Já os alunos localizados mais à frente da sala mantinham comportamentos apreciados pelos professores: dirigiam seus olhares ao professor; copiavam as atividades que lhes eram solicitadas; eram pontuais na entrega dos trabalhos escolares. A maioria dos alunos do “fundão”, por sua vez, comportava-se de maneira aparentemente alienada. Lembramos, uma vez mais, que estamos entendendo o preconceito ao “fundão” como um preconceito que se vincula a uma expectativa negativa relacionada ao comportamento em sala de aula.

Assistimos a uma dada situação em que os alunos foram questionados por uma professora, representante da turma no Conselho de Classe, acerca do motivo para o

baixo rendimento em determinadas disciplinas. Alguns, sentados nas primeiras carteiras, atribuíram esse resultado ao excesso de conversas, principalmente de “alguns grupinhos da sala”, deixando implícita a referência aos colegas do “fundão”, no momento em que direcionaram seus olhares para o fundo da sala de aula.

Esta representação acerca dos alunos do “fundão” não foi unânime entre os professores. Um exemplo disso foi a observação realizada por uma das professoras da turma durante a apresentação de um seminário pelo grupo do “fundão”. Em seu comentário, afirmou que havia alguns alunos desse grupo que eram muito críticos, mas que, ao serem impedidos, por alguns professores, de manifestarem suas opiniões, acabavam dando muito trabalho.

Ao presenciarmos essas e outras situações, nas quais ficaram evidentes atitudes preconceituosas em relação aos alunos que ocupavam os espaços localizados no fundo da sala de aula e que cristalizavam um tratamento naturalizado para esse tipo de relação, inquietamo-nos diante dessa realidade escolar. Tal inquietação foi se corporificando à medida que buscávamos entender as origens e os condicionantes dos preconceitos manifestos em sala de aula e não tínhamos, ainda, subsídios suficientes para explicá-los.

Ademais, o fato de se tratar de um curso de formação de professores, de nível médio, o estabelecimento desse tipo de relação (preconceituosa) tornou-se ainda mais sério aos nossos olhos, já que o processo pedagógico acaba por legitimar pos-

turas e atitudes que o senso comum produz, mas que deveriam ser percebidas, compreendidas e superadas pela prática escolar, particularmente em um curso de formação de professores. Foi, pois, nesse contexto, que o fenômeno preconceito escolar tornou-se objeto deste estudo.

A seguir, apresentamos uma reflexão, em primeira aproximação, acerca do preconceito relacionado aos alunos do “fundão”, sem perder de vista a interferência disso no processo pedagógico e a relação desse processo com a prática social.

Registramos, de antemão, que estabelecemos esse tipo de reflexão com o intuito de fomentar novas discussões acerca da complexidade, possibilidades e limitações do ser professor, tanto daquele professor que está em exercício, como daquele que está em formação. Acreditamos que se de fato se pretende e se quer a formação de um professor que esteja comprometido com uma prática pedagógica transformadora, há que se compreender as relações estabelecidas na escola.

## **2 Uma discussão sobre o preconceito ao “fundão”**

Para situar o fenômeno preconceito, na atualidade, lançamos mão da contribuição de Crochik (1995), autor brasileiro que realizou estudos articulando preconceito, indivíduo e cultura.

Para o autor, o indivíduo, submerso em uma sociedade complexa que desconhece, vive em um constante estado de ansiedade e de incertezas. Para amenizar tal estado, os preconceitos entram em cena,

já que eles escamoteiam as origens das desigualdades e da dominação que permeiam as relações sociais, naturalizando-se assim uma situação de incompreensão diante da opressão.

Por conta da dificuldade que tem para penetrar na constituição sociopolítica da sociedade atual, o indivíduo utiliza-se de estereótipos (entendidos como atributos associados à particularidade que assume a característica preponderante da vítima do preconceito) de modo a sustar a sua insegurança. Mesmo sustando-a de forma imediata, o indivíduo não compreende que

A mesma lógica administrativa pertinente à organização da produção de bens materiais serve de modelo para a constituição do indivíduo, para a funcionalização da família, para o aperfeiçoamento da escola na transmissão de conhecimentos que são reduzidos por aquele processo em informações (CROCHIK, 1995, p. 155).

Além disso, o preconceito serve de justificativa e base às ações de violência dirigidas ao outro, que de algum modo desvia das convenções sociais estabelecidas. O preconceituoso, nesse sentido, não percebe a igualdade expressa na diferença porque, segundo Crochik (1995, p. 61):

A sensação de superioridade do preconceituoso em relação à sua vítima é solicitada por uma cultura que não permite um lugar fixo a ninguém, pois é a própria insegurança de todos os indivíduos, é a eterna luta de todos contra todos, que a sustenta, assim o poder sobre o mais fraco é a busca de um espaço em uma sociedade que gira em torno do poder, busca esta fadada ao fracasso.

Essas reflexões do autor nos fornecem elementos para levantar algumas hi-

póteses sobre o preconceito em relação aos alunos do “fundão”.

A primeira é de que professores e alunos, imbuídos de um conteúdo social que privilegia uma lógica administrativa pertinente à organização da produção de bens materiais, (re)produzem em sala de aula, mas não de modo mecânico e passivo, os preconceitos e estereótipos vigentes na sociedade. Isso ocorre porque a escola, assim como outros segmentos sociais, não privilegia a experiência (entendida como conhecer o outro e a realidade que nos envolve de forma mais profunda) e nem a reflexão sobre as relações estabelecidas socialmente. Sem ambos (experiência e reflexão), não é oportunizado ao indivíduo (nesse caso, professores e alunos) compreender a realidade, daí ocorrer a reprodução de um olhar naturalizado, permeado de preconceito, em relação aos alunos que ocupam as carteiras do fundo da sala, o estigmatizado “fundão”.

Além disso, consideramos que o preconceito gera expectativas em relação ao comportamento do outro; essas expectativas interferem na compreensão dos fatos e contribuem para que eles ocorram. É o que a psicologia denomina “profecias autorrealizáveis”.

Além do preconceito dirigido aos alunos do “fundão”, encontramos outras colocações negativas em relação ao termo fundo. Por exemplo, é flagrante o preconceito em relação àqueles que moram no “fundo” da cidade, no fundo da vila; àqueles que viajam no “fundo” do ônibus, ou da lotação; àqueles que vivem de sua produção de “fundo” de quintal.

Essas e outras afirmações negativas em relação ao termo “fundo”, corriqueiramente presentes no cotidiano contemporâneo, permitem pensar que as significações implícitas que perpassam o “fundo” da sala de aula e que rendem aos alunos que ali se acomodam o título de “fundão”, ultrapassam os limites da classe escolar e deitam raízes na dinâmica social que está pautada, sobretudo, pelas desigualdades decorrentes da divisão de classes.

Cabe-nos questionar por que sentar no fundo da sala, ou mesmo morar no fundo da vila carrega um sentido negativo e pejorativo e arrasta concepções preconceituosas. O que há de implícito nessa situação tão explícita e até mesmo corriqueira?

Neste estudo, concordamos com Sanfelice (1986, p. 89) ao afirmar que “[...] aquilo que está a acontecer na Sala de Aula, bem como no fenômeno educativo como um todo, não está isento das implicações decorrentes das relações mantidas com o todo social [...]”.

Ao considerar tal articulação, sala de aula e contexto social, assinalada pelo autor, frisamos que assim como a sociedade engendra uma espécie de classificação e seleção dos homens, os quais devem corresponder a um modelo padrão, também, em sala de aula, a classificação e seleção fazem presentes, numa classificação vinculada, muitas vezes, à capacidade intelectual do aluno. Disso decorre que o fato de o aluno sentar na frente da sala, próximo da mesa do professor, tem uma conotação afirmativa, enquanto o sentar-se ao fundo, longe do professor, tem uma conotação

negativa.

Em outras palavras, é como se na escala de classificação (implicitamente presente em sala de aula) o aluno da frente possuísse as virtudes requisitadas pela instituição escolar, ocupando então uma posição “superior” na referida escala, enquanto aquele aluno situado no fundo, distante do professor, da vigilância quanto ao cumprimento das regras, enfim das virtudes demandadas pela escola, ocupasse uma posição “inferior” na classificação escolar.

A respeito dessa classificação, Borniotto (2002, p. 35), em sua dissertação de mestrado, destaca que “O mundo do trabalho distribui, localiza, classifica, valoriza os homens trabalhadores de acordo com as suas respectivas ‘qualidades’. De forma idêntica, esse processo também ocorre no mundo escolar, mesmo que não seja categorizado como produtivo”. A autora destaca também que “O espaço de sala de aula recebe alunos de acordo com o rótulo que lhes foi atribuído nas classificações realizadas pela escola ou pelo professor. Alguns lugares são determinantes e definidos para a identificação do sentido de ser aluno na escola” (BORNIOOTTO, 2002, p. 35).

Entendemos, diante disso, que um tratamento classificatório e seletivo dos alunos, além de expressar preconceitos, tal como ocorre na prática social, acaba por envolver os alunos em uma espécie de divisão de classe no interior da sala de aula. Por que realizamos tal afirmação? Porque percebemos que ao serem classificados, de forma polarizada e simplificadora, como bons e maus alunos, nem todos são con-

templados com a atenção do professor, particularmente os que são tratados de modo pejorativo tal como os alunos que se sentam no fundo da sala de aula.

Ainda sobre a classificação dos alunos, pode ocorrer que o “fundão” não esteja incluído no rol de atenção do professor, ficando à margem do processo de ensino e de aprendizagem escolar, podendo-lhes, inclusive, sobrevir uma espécie de exclusão intelectual, por conta do abandono pedagógico sofrido.

Mediante a exclusão à qual são submetidos, de certo modo, os alunos do “fundão”, questionamos: o problema está realmente no aluno que ocupa o espaço no fundo da sala? O fato de o aluno se acomodar no fundo converte-o automaticamente em estudante de segunda categoria, portanto, merecedor de menos atenção do professor e respeito dos colegas do que o outro estudante que se senta na frente, próximo do professor? E ainda: como fica tal situação em um curso de formação inicial de professores? A prática pedagógica desenvolvida pelos professores ratifica o preconceito ao “fundão” ao tratar a questão de forma naturalizada? É possível romper com esse tipo de preconceito? É possível superar um olhar naturalizado por parte de professores e alunos, sobretudo em um curso de formação docente?

Uma contribuição para se refletir a respeito das questões que levantamos é a discussão desenvolvida por Sanfelice (1986, p. 93) que assinala que a sala de aula não se limita a um espaço de reprodução, podendo ser também um espaço de fermen-



tação, haja vista que ela “[...] não é um casulo hermético desvinculado do todo social e das suas contradições”.

Outra questão que consideramos importante e que devemos colocar em tela refere-se ao tipo de aula que costumeiramente é ministrada aos alunos. Será que a aula é desenvolvida com significado para o aluno? Será que os alunos são sensibilizados e mobilizados para adentrarem o conteúdo escolar proposto? Será que algumas atitudes atribuídas ao “fundão” como, por exemplo, o alheamento à aula, as conversas paralelas, enfrentamento direto com o professor, o fazer bagunça, não indicam mecanismos de resistência à ordem, à obrigatoriedade de estar em sala e ter que assistir a aulas destituídas de significado e sentido?

Brandão (1986, p. 114), em seu texto-depoimento intitulado **A turma de trás**, relata que, em sua época de estudante, a missão dos alunos de trás era “Transgredir com sabedoria as regras de ‘comportamento’ estabelecidas pelos regimentos dos colégios para as salas de aulas [...]”. Embora assinale a transgressão como missão da turma de trás, ressalva que nas aulas de alguns (bons) professores havia atenção de todos. Para o autor:

Alguns professores eram tidos como ‘bons’, mesmo quando severos. Falo aqui, com respeito, da categoria de sujeitos da docência, cuja capacidade de comunicar o saber da matéria era inteligente e atrativa o bastante para sobrepor, ao interesse da transgressão, o da atenção coletiva (BRANDÃO, 1986, p. 118).

Schiff (1993), por seu turno, denuncia e critica, entre outras coisas, que há uma

ideia muito forte interiorizada pela maioria dos homens de que cada um ocupa o lugar que merece e isso se deve às diferenças de capacidade intelectual. O autor demonstra que as explicações científicas justificadoras das diferenças entre os homens servem, na realidade, para a justificação da estrutura social, justificação essa que passa pela desqualificação e segregação de muitos e seleção e qualificação de poucos.

Diante de todas as colocações, é possível depreender que as caracterizações negativas que margeiam os alunos do “fundão” guardam estreita relação com arditos artificios decorrentes das desigualdades sociais, as quais estão expressas na hierarquização dos homens que promove os que estão acima, e deprecia, inferioriza os que não estão, mesmo não sendo possível todos estarem em um mesmo patamar, ou no caso da sala de aula, em um mesmo lugar, seja esse lugar localizado na frente ou no fundo.

## Considerações finais

Diante das explicitações, hipóteses e questionamentos ora realizados, convém registrarmos que uma prática pedagógica alienada e resignada não tem condições de fazer cumprir a função social da escola, entendida aqui, na perspectiva de Snyders (1988), como ruptura entre cultura primeira e apropriação da cultura elaborada, em um movimento metodológico de continuidade-ruptura.

Uma prática pedagógica acrítica certamente serve à reprodução de preconceitos, inclusive daqueles referentes aos alunos do “fundão”. Além disso, o estabelecimento de relações preconceituosas em sala

de aula alija, exclui o aluno do processo de aprendizagem escolar. Tal situação se agrava ainda mais quando se trata de um curso de formação de professores (futuros professores com formação inicial média), os quais poderão também reproduzir os preconceitos vividos, ou expressos, tanto em relação ao “fundão” como em relação a outras circunstâncias de sala de aula.

O preconceito que se produz dentro da instituição escolar, em um curso de formação de professores, em relação aos alunos que são pejorativamente denominados e estigmatizados de “fundão”, é perverso, como todo preconceito. A sua constância e banalização e, em decorrência disso, a sua naturalização, certamente concorre, tacitamente, para deixar à margem do processo

pedagógico esses alunos. Ademais, ao não ser constatado e refletido pelos professores como um preconceito, as dificuldades de mobilização e ação para o seu enfrentamento aumentam, uma vez que é difícil lutar contra algo que se desconhece. Urge, então, que o professor compreenda quem são seus alunos, qual a função da escola e qual o objetivo de sua prática pedagógica, prática esta que precisa estar alicerçada em uma formação consistente que lhe permita articular a teoria aprendida com a prática exercida.

## Nota

<sup>1</sup> Versão revisada da comunicação apresentada no IX Congresso Estadual Paulista sobre Formação de Educadores, em 2007.

## Referências

- BORNIOTTO, Maria Luisa da Silva. *A aparência física e estética dos alunos como determinantes para a exclusão: um novo olhar preconceituoso do professor no meio escolar?* 2002. 212f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2002.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. A turma de trás. In: MORAIS, Régis de (Org.). *Sala de aula: que espaço é esse?* Campinas-SP: Papyrus, 1986.
- CHIZZOTTI, Antonio. *Pesquisa em ciências humanas e sociais*. 4.ed. São Paulo: Cortez, 2000.
- CROCHIK, José Leon. *Preconceito: indivíduo e cultura*. São Paulo: Robe, 1995.
- SANFELICE, José Luiz. Sala de aula: intervenção no real. In: MORAIS, Régis de (Org.). *Sala de aula: que espaço é esse?* Campinas-SP: Papyrus, 1986.
- SCHIFF, Michel. *A inteligência desperdiçada: desigualdade social, injustiça escolar*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.
- SNYDERS, George. *A alegria na escola*. São Paulo: Manole, 1988.

**Recebido em junho de 2009.**

**Aprovado para publicação em setembro de 2009.**